



[COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA]

Director, Proprietario e Editor: — **Dr. Manuel Marques dos Santos**  
Composto e impresso na União Grafica, Rua de Santa Marta, 150-152 - Lisboa.

Administrador: — **Padre Manuel Pereira da Silva**  
Redacção e Administração: Seminário de Leiria.

# CRONICA

## da FÁTIMA

(13 DE JUNHO)

**O Serafim de Assis A missa comemorativa do sétimo centenário de S. Francisco — Quatro mil comunhões — As homenagens da Lourdes Portuguesa.**

De acordo com o Capelão-director dos Sanctuários de Nossa Senhora de Fátima, o rev. Superior Provincial dos benemeritos Filhos do Serafico Padre S. Francisco de Assis resolveu consagrar o dia treze de Junho á Comemoração festiva do glorioso Patriarcha no local das Aparições.

Bem escolhido foi esse dia para tal Comemoração, porque já a Santa Igreja o assignalára com a glorificação de um dos membros mais illustres da Ordem Seráfica, o grande Santo Antonio de Lisboa, com cujas palmas triunfais é justo entrelaçar as do Santo Fundador.

Os prestantes filhos de S. Francisco envidaram todos os esforços para a celebração condigna das festas centenárias, que resultaram brilhantíssimas e impregnadas dos mais vivos sentimentos de fé e piedade.

Para dar uma ideia da importancia das festas franciscanas de Fátima basta dizer que na missa da Comunhão geral, que se celebrou ás nove horas comungaram mais de quatro mil pessoas.

Naquele local abençoado, que é hoje o trono mais esplendoroso de Jesus no seu Sacramento de amor, e o centro do mais acendrado culto á Rainha do Céu, ficam admiravelmente bem as homenagens nacionais ao Santo que se distinguio pelo seu amor ao Amor que não é amado e pela sua devoção á Augusta Mãe de Deus.

No côro imponente e unanime de louvores que a cristandade eleva ao Serafico Patriarcha neste sétimo centenário do seu ditoso transitio, a Lourdes portuguesa centralizando e corcando as comemorações da Patria de Santo Antonio, ocupa incontestavelmente o primeiro lugar pela grandiosidade das suas homenagens e pela sinceridade e ternura da sua devoção.

**Confiança e alegria de uma mãe — As obras no recinto das aparições — A nova fonte miraculosa — Os grupos de peregrinos — A procissão das velas na vespera á noite.**

Pouco depois das seis horas da manhã do dia treze parava na estrada que

domina o local das aparições a *camionette* em que se faziam transportar os

agora já vê bastante, embora não esteja ainda de todo curado.

No recinto das aparições acham-se em construção alguns novos edificios.

Entre a capela das missas e o Posto das verificações medicas, á direita deste ultimo, erguem-se já as paredes do Hospital-sanatorio. Um pouco mais longe, a meia encosta, vêem-se os alicerces da capela das confissões, semelhante na forma e no estilo á Penitenciária de Lourdes, de recente fundação.

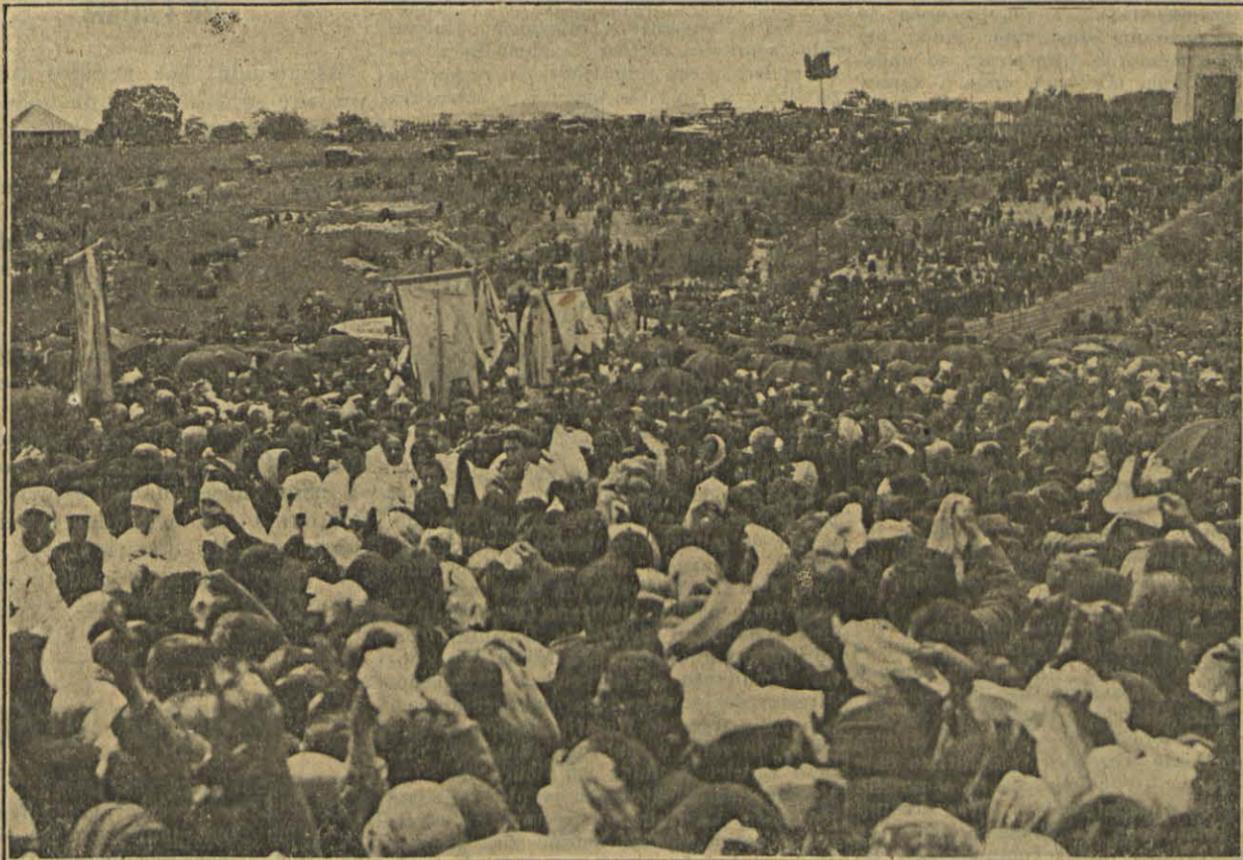
Em frente da estrada, dum e do outro lado do portico monumental, levantam-se numerosas e grossas colunas de mármore branco, que imprimem á entrada dos santuários um cunho de magestade e imponencia incomparáveis. Lá em baixo, no fundo do vale, a nova fonte miraculosa,

de peregrinos. Na estrada vêem-se *camions* de Condeixa, Cartaxo, Caldas da Rainha, Torres Vedras, Penacova, Alcobaca, Bombarral, Alpiarça, Tomar, Certã, Albergaria-a-Velha, Pernes, Torres Novas, etc.

No meio da multidão que enche a estrada de lés a lés, um peregrino do Pedrogam de Torres Novas conversa com um sacerdote seu amigo.

Profundamente crente e de uma cultura invulgar, narra ao seu interlocutor, em palavras frementes de entusiasmo, que revelam a mais viva comoção, o espectáculo imponente e assombroso da procissão das velas na tarde do dia precedente.

No ardor da sua admiração comovida, as palavras brotam-lhe espontaneas dos lábios, traduzindo graciosamente, em ima-



Outro trecho da peregrinação nacional de 13 de Maio ultimo

benemeritos servitas de Torres Novas, que tanto se distinguem pelo seu trabalho indefesso, pela sua nunca desmentida dedicação, pelo seu esforço criterioso e persistente e pela rigidez da sua disciplina no desempenho da sua tão simpática como delicada missão.

Junto da primeira fonte miraculosa uma mulher do povo, com uma creança ao colo, conversa com um peregrino que acaba de fazer a sua provisão de agua, apesar da grande dificuldade do acesso, mercê da affluencia de concorrentes. A creança era completamente cega de nascença. No dia treze de cada mês, durante onze meses consecutivos, a mãe, cheia de fé e confiança, dirige-se a Fátima, para suplicar á Santíssima Virgem que restitua a vista ao filho estremeado. Pouco a pouco ele vai melhorando, sem nenhum tratamento e

situada apenas á distancia de cinco ou seis metros da primeira e ainda mais abundante do que ela, é continuamente objecto da atenção dos peregrinos, que a contemplam cheios de admiração pelo poder e bondade da Virgem Santíssima. Naquella região de tão elevada altitude, arida e deserta onde vegetam apenas alguns arbustos e arvores rachiticas e enfezadas, e onde num raio de algumas leguas não ha agua de nascente, mas só poços e cisternas com agua das chuvas, é verdadeiramente providencial uma tão grande abundancia de agua, indispensável para occorrer á devoção dos peregrinos, satisfazer a sede deles e dos animais que ali vão todos os meses em numero de muitos milhares, e facilitar extraordinariamente as grandes obras já iniciadas ou em projecto.

Entretanto, chegam numerosos grupos

gens cheias de beleza e encanto. os pensamentos que lhe acodem ao espirito piedoso e gentilissimo.

Na sua expressão saturada de poesia o maravilhoso cortejo, que contemplára do alto da estrada, formou primeiro um coração, de proporções gigantescas, todo abraçado em chamas e tão perfeito, tão bem delineado, como nem o grande Carlos Reis, com o poder evocador do seu genio, com toda a magia encantadora da sua paleta e do seu pincel, era capaz de reproduzir na tela em miniatura. Depois, desenhou um bouquet, de tamanho descomunal, composto das flores mais belas, mais raras, de variegadas côres, que pareciam ter os seus peciolos presos nas imediações da fonte miraculosa. Quando os peregrinos, num protesto veemente de fé e piedade, levantavam as velas ao alto e cantavam o Ave, como em Lourdes,

a divina cidade dos Pyreneus, dir-se-ia que o lago de fogo, formado por dezenas de milhar de lumes, era um formoso e magnífico jardim de açucenas, constantemente agitadas pelo leve sopro da brisa nocturna.

### A peregrinação de Lisboa — O comboio especial — O estandarte — O distintivo dos peregrinos — O regresso á capital — Louvel iniciativa.

Lisboa mais uma vez se impoz á admiração dos crentes pela intensidade do espirito religioso que anima as suas peregrinações e pelo superior critério com que as sabe organizar e dirigir.

A peregrinação deste mês, promovida pela Irmandade do Senhor dos Passos, da Igreja da Conceição Velha, perfazia um total de 234 pessoas, que partiram da estação do Rocio na manhã do dia treze em comboio especial.

Era dirigida pelo rev.do dr. Manuel Augusto Peres, delegado do Patriarcado, que tinha como auxiliares no desempenho do seu munus os reverendos Catarino e Salvação, capelães da referida igreja.

Os peregrinos ostentavam no peito o distintivo da peregrinação, que era um laço roxo com uma medalha do Senhor dos Passos, á qual muitos juntaram uma medalhinha com a effigie de Nossa Senhora de Fátima.

O estandarte da peregrinação, lindo e vistoso como poucos, foi pintado por senhoras da freguesia da Conceição Velha e representa a scena incomparavel das aparições.

Tendo chegado á Cova da Iria, os peregrinos encaminham-se juntos para o Santuário, cantando um dos hinos de Fátima.

Durante a missa da peregrinação, celebrada pelo rev. dr. Peres, foi administrada a Sagrada Comunhão aos peregrinos.

Depois da assistencia aos restantes actos do programa oficial, a peregrinação de Lisboa, regressou, como tinha vindo, em numerosos meios de transporte, ao apeadeiro de Ceissa (Ourem), onde a aguardava o comboio especial, que a conduziu a Lisboa. Bem haja a Irmandade da freguesia da Conceição Velha pela feliz iniciativa que teve e que foi coroada de um exito consolador, e praza a Deus que outras corporações congeneres sigam o seu exemplo, tomando iniciativas identicas, que tanta gloria dão a Deus e que tanto bem fazem ás almas.

### O posto das verificações medicas - Várias curas - Cura de uma tuberculosa - Uma cura em Braga - Os medicos de serviço - As listas dos doentes inscritos.

No Posto das verificações medicas intensifica-se cada vez mais, de instante para instante, o movimento de vai-vem dos doentes.

O rev. Manuel Pereira da Silva, administrador da *Voz da Fátima*, a quem a voz do povo crente chama com razão o secretario de Nossa Senhora, põe em relevo o facto altamente consolador do aumento consideravel de curas nos ultimos tempos. Desde treze de Maio ultimo chegou á redacção daquele jornal a noticia de mais de quarenta novas curas atribuidas á intercessão de Nossa Senhora de Fátima. Muitas dessas comunicações são acompanhadas de atestados medicos e outros documentos comprovadores da autenticidade e do caracter sobrenatural das curas. Entre estas merecem especial referencia as de dois homens, um que tinha uma ulcera no estomago havia mais de vinte anos, e o outro surdo durante quarenta e nove anos, e a de uma religiosa dominicana, que sofria igualmente de ulcera no estomago.

Entre as pessoas que compareceram no Posto para anunciarem a cura das suas doencas, nota-se uma senhora casada, de nome Emilia Urbana Rita, de 20 anos de idade moradora em Setubal.

Tuberculosa em terceiro grau, tratada sem resultado por vários medicos em Setubal e em Lisboa, desenganada da sciencia humana, a tal ponto que um medico dos mais ilustrados da capital disse que ele não era Deus para a curar, recuperou em três dias a saude, que outrora desfructava, graças á intercessão de Nossa Senhora de Fátima, tendo-lhe sido constatada a cura no Hospital de Santa

Marta. Apresenta-se vestida com o traje azul e branco da Virgem, tendo vindo assim de Setubal acompanhada pelo marido para o oferecer como *ex-voto*.

Numa das galerias do Posto, uma mulher alta, aparentando saude e robustez, narra comovidamente, numa pequena roda de servitas a cura interessante de que foi objecto. Chama-se Ermelinda Fernandes, tem 27 anos, é casada e mora em Gualtar, proximo de Braga. Havia quatro meses que sofria horrivelmente de várias complicações de um parto difficil, agravando-se de dia para dia o seu estado, que fazia prevêr, num curto espaço de tempo, um desenlace fatal. Ungida já e sacramentada, segundo a sua expressão, em perigo imminente de morte, pediu por conselho duma vizinha, a sua cura a Nossa Senhora de Fátima, prometendo, se fosse despachada a sua supplica, fazer uma peregrinação em acção de graças ao Santuário das Aparições. Imediatamente a protecção da Mãe de Deus se fez sentir, e a moribunda restituida, com grande espanto da familia e da população da sua terra, á vida e á saude de que gosava antes do parto, pôe-se a caminho fazendo uma tão longa viagem para dar cumprimento á sua promessa.

Dirigem o serviço do Posto o dr. Pereira Gens, da Batalha, médico-chefe, auxiliado por alguns colegas, entre os quais o dr. Fernando Correia, das Caldas da Rainha, e o dr. João Alvim, de Ourem. Como já ha muitos anos succede em Lourdes, os estudantes de medicina começam a frequentar o Posto, coadjuvando os medicos e estudando os casos clinicos mais notáveis, que ali se oferecem á sua observação. Nos anais do Posto ficará a occupar o primeiro logar na lista dos estudantes de medicina que ali prestaram os seus serviços, o simpatico jovem e talentoso e distinto aluno da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa, sr. José de Carvalho Reis e Silva, filho do importante proprietario do Pedrogam de Torres Novas, sr. Antonio Carlos Reis e Silva.

Ás 11 horas, pouco antes de se encerrar definitivamente a inscripção, tinham sido facultados cartões de identidade, para poderem ser admitidos no respectivo pavilhão, a mais de duzentos e cincoenta doentes.

### A procissão da Imagem da Virgem - O Credo de Dumont - A missa oficial - Preces e cânticos - A benção dos doentes - O sermão oficial - A debandada.

Pouco antes do meio dia solar organiza-se o cortejo que deve acompanhar a veneranda estátua de Nossa Senhora de Fátima da Capela das Aparições até á capela das Missas.

A linda Imagem passa entre alas compactas de povo, que a saudam entusiasticamente com palmas e vivas e um continuo agitar de milhares de lenços brancos. Colocada a Imagem num pedestal erguido para esse fim á direita do altar mór, um côro forte e bem timbrado, executa proficientemente o *Credo de Dumont*. Terminado o canto, começa a Missa dos doentes. Enquanto ela se celebra, o capelão-director dos servitas reza, juntamente com o povo, o terço do Rosário. Depois da elevação do cálix a multidão canta um piedoso cantico popular em honra do Santíssimo Sacramento. Em seguida á missa realisa-se, na forma do costume, a comvente cerimonia da benção dos doentes. Dada a benção geral, o rev.do Luís de Sousa, illustre filho de S. Francisco, prega um substancioso sermão ácerca da devoção do glorioso santo a Nossa Senhora e, reconduzida processionalmente a Imagem da Virgem á capela das Aparições, procede á admissão dum grande numero de fiéis na Ordem Terceira franciscana. Principia então a debandada.

Os veiculos vão partindo uns após outros para os seus destinos, o recinto dos santuários descongostiona-se pouco a pouco, e ao pôr do sol mal se via um ou outro peregrino retardatario rezando uma ultima supplica á Virgem e apartando-se a custo e cheio de saude daquela estancia privilegiada do Céu.

Visconde de Montello

Fazer tudo por dever e nada por prazer mas tudo com prazer.

(Lema dum missionário).

## Benção dos Cruzeiros

Como annunciámos no penultimo numero da *Voz da Fátima*, realisou-se no dia 26 do mês passado a benção dos cruzeiros levantados pela piedade dos fiéis na estrada do Reguengo á Fátima e que hão de servir para visitar a Via-Sacra quando se obtiver a respectiva licença da Santa Sé, necessária para se ganharem as indulgências. A cerimonia começou ás oito horas da manhã e terminou ás duas da tarde. Foi presidida por S. Ex.<sup>a</sup> Rev.ma, o Snr. Bispo de Leiria que se dignou fazer uma tocante allocução junto de cada cruzeiro e alusiva ao correspondente passo da Via-Sacra.

O acto foi muito concorrido de fiéis principalmente das freguesias vizinhas com os respectivos párocos e terminou com a Missa durante a qual o Snr. Bispo rezou o terço com o povo concluindo tudo com uma exortação á penitencia e á santificação das festas e peregrinações.

Aproximaram-se da Sagrada Mesa da Comunhão, apesar do adiantado da hora, cerca de quatrocentas pessoas.

Foi o primeiro acto publico a que S. Ex.cia Rev.ma o Snr. Bispo de Leiria se dignou presidir na Cova da Iria.

## O culto no Santuário de Nossa Senhora do Rosario da Fátima

Atendendo aos pedidos instantes que não só os devotos de toda a parte de Portugal como os operários que trabalham nas obras e a nova povoação da Cova d'Iria teem feito ao Ex.mo Senhor Bispo de Leiria, Sua Excelencia Reverendissima criou uma Capellania permanente no Santuário de Nossa Senhora do Rosario de Fátima.

A escolha recaiu no Rev.do Manuel de Sousa, ex-Pároco de Ceissa.

Todos os dias será celebrada a Santa Missa a horas certas orando-se pelas necessidades espirituais e temporais recomendadas a este santuário e pelos doentinhos.

O Rev. Capelão atenderá os peregrinos que o procurem.

## A CONVERSÃO DA MIMI

Mariazinha tem sete anos.

Já sabe lêr, escrever e até fazer renda — uma renda muito simples, é verdade, sem grande complicação de pontos. Emfim, é atenta ao trabalho, judiciosa e não está sempre a tagarelar despropósitos.

Tem uma irmãzita: a *Mimi*, que é tudo ao contrário. E não admira pois que é mais novita, posto que seja um ano sómente.

E é pena que uma menina tão bonita seja assim travessa. Bate na mana, arranha-a, e até lhe morde — a feia!

Ora um dia que Mariazinha appareceu muito arranhada e com uma negra no braço (proezas dos dentitos ruins da *Mimi*), foi ella ter com a mamã e disse-lhe:

— Não é verdade que eu sou *mais boa* depois que fiz a minha primeira communhão?

— E' verdade, filhinha, é verdade. Mas tu que tens na cara? Estás toda arranhada.

— Isto não foi nada, mamã...

E se a gente levasse a *Mimi* á primeira communhão! Talvez que também ella ficasse *mais boa* e não desse tanto desgosto á mamã.

Se lhe ensinássemos a doutrina!...

— Sim, mãesinha, sim, sim! Quero também aprender a doutrina, gritou a *Mimi*, entrando pela sala de costura.

— Mas meninas, eu não tenho vagar, bem veem.

E a *Mimi* ainda é muito novinha para ir para o collegio, tem defeito na fala e é muito má, muito má!

— Mas se a mãesinha quere (diz a Mariazinha) eu ensino-a, quere?

— Pois sim, meu amor, isso era o que eu queria.

Daí por diante, durante semanas e semanas, Mariazinha logo que voltava do collegio fechava-se na sala da costura e, com paciencia, assiduidade e uma habilidade extraordinaria, foi ensinando a doutrina, ponto por ponto, á traquina da mana, até que finalmente esta a meteu na cabeça.

— Mas olha que tu já não podes ser má depois de ir á Comunhão. Já nunca mais podes arrelhar a mãesinha, nem chamar nomes á creada nem bater-me, nem morder... Nada! Tens que ser muito boa.

— Tenho?

— Tens, sim. Tens que te converter. Eu também me converti.

— Tu também eras má?

— Também. Não era tanto como tu, mas também era má.

— Como eras tu má?

— Olha, desobedecia ás vezes á mãesinha...

— E agora?

— Agora nunca. Faço tudo o que ella manda. Mas não pelava o gato com agua quente, não chamava nomes...

*Mimi* começava a ser muito seria.

— Mãesinha, olhe que a *Mimi* já se está a converter. Tomara já que ella fosse á primeira communhão!

E a pequerrucha, de face de boneca, de cabelo aos cachos d'oiro, já papagueava as respostas do catecismo, que era um encanto.

E seus olhitos ingenuos e profundos davam uns arés de quem já pensava.

Sabia os actos. O acto de Fé, o acto de Esperança, o acto de Caridade... mas embrulhava-se na pronuncia. E o medo de que o Sr. Prior julgasse que ella não dizia per não saber... trazia-lhe aos olhitos umas lagrimazitas, que ainda mais lindos os faziam.

— Oh! mãesinha, mas eu sei tudo, pois sei?

— Sabes sim, meu anjo; e se tu fores muito boa, talvez que Jesus te não deixe atralhar quando fores ao exame.

E *Mimi* era cada vez melhor.

Ás vezes não lhe faltava vontade de chamar *bruta* á criada. E vinham-lhe uns repentes de arranhar a mana, mas... tinha que se converter.

— Mãesinha, quando levamos a *Mimi* ao Sr. Prior para a examinar?

— Não sei ainda, filha.

Não sei quando poderei.

— Mas eu posso leva-la, disse a Mariazinha.

— Está bem. Então leva-a amanhã.

Pelo caminho, foi uma cheia de recommendações...

— Olha que tu responde sem medo.

— Mas eu tenho defeito na fala!...

— Não tens, has-de ver. Tu tens sido boa e Jesus vai tirar-te o defeito.

Olha tu fazes assim: respondes muito devagar, mas primeiro pensas, para ouvir bem a pergunta.

— Mas se eu me atralhalho e embrulho?

— Não embrulhas, mulher! Tu já ha muito tempo que me não bates nem arranhas...

Mas, dize-me: e tu quando eu estou na escola tens feito sempre o que a mãesinha te manda?

— Sempre.

— Não chamaste nomes á criada?

— Ha muito tempo que não.

— Bem, pois então Jesus gosta de ti e não te atralhalhas.

— Bons dias, sr. Prior.

— Bons dias, minhas meninas, bons dias. Que é que desejam?

— A *Mimi* quer ir á Comunhão e vem para ser examinada.

O Sr. Prior já sabia do caso.  
 — Mas eu é que não tenho agora va-  
 gar.  
 Quantos anos tem a Mimi?  
 — Tenho seis anos.  
 — Seis anos?... E's muito novinha.  
 Mas... quem te ensinou?  
 — Foi a Mariazinha.  
 — A Mariazinha é uma mulherzinha.  
 Tenho aqui muito que escrever e o me-  
 lhor é isto ficar para outro dia.  
 — O' Snr. Prior, mas então a Mimi,  
 assim, não vai comungar tão depressa. Se  
 o Snr. Prior quizesse, eu...  
 — Mas olha, tem bom remédio: tu vais  
 examina-la enquanto eu cá sigo no meu  
 trabalho.

Por uns instantes o Sr. Prior conti-  
 nuou a escrever os seus assentos de ba-  
 ptismo e de matrimónio.  
 Mas a breve brecho teve que parar, fin-  
 gindo no entanto que trabalhava.  
 Entre as petizinhas o diálogo corria de-  
 liciosamente.  
 — Quem é Deus? Onde está Deus? Quem  
 é Nosso Senhor Jesus Cristo?...  
 Mimi, nervosa, não parava na cadei-  
 ra.  
 — Está quiétinha, não te meixas... (di-  
 zia-lhe a irmã a meia voz).  
 — Dize lá agora, de que é feita a hos-  
 tia?  
 Mimi ataranta-se.  
 — Olha: de que é que se faz a bola-  
 cha?  
 — Ah! a hostia faz-se com farinha e  
 com água.  
 — Quando vem Jesus para a hostia?  
 — A' Consagração?  
 — E quando é a consagração?  
 — E' quando toca a campainha e o sa-  
 cerdote ajoelha ao mesmo tempo.  
 — Quais são as disposições para a Co-  
 munhão?  
 Estar em jejum desde a meia noite, es-  
 tar em graça e bom é fazer nesse dia al-  
 gum sacrificio.  
 — E que é fazer sacrificios?  
 — Fazer sacrificio é...  
 — E' sofrer por Nosso Senhor alguma  
 coisa das que não gostamos...

Bem, minhas meninas.  
 A Mimi pode fazer a sua primeira Co-  
 munhão. A vossa mãesinha que me venha  
 falar para combinarmos o dia.  
 Ah! mãesinha, vê como a Mimi é boa?!  
 Converteu-se toda.  
 Já é mais boazinha do que eu, pois é,  
 mãesinha?  
 — Sêde ambas boazinhas, minhas filhas,  
 Ajudem-se uma á outra a ser muito boas  
 e procurem nas vossas comunhões corri-  
 gir algum defeito ou adquirir alguma vir-  
 tude.  
 Não faz sentido que lidando com o ca-  
 lor Ele vos não aqueça, que envolvidas  
 em luz andeis em trevas, que alimentando-  
 vos da Bondade e do Amor, estes senti-  
 mentos não transpirem de toda a vossa  
 pessoa e edifique os outros.  
 Que os caminhos por onde passais fi-  
 quem impregnados do bom odor de Jesus  
 que de manhã estabeleceu tão estreita  
 união convosco.

## AS CURAS DA FATIMA

**Alice d'Oliveira David**, da freguesia da  
 Graça (Figueiró dos Vinhos), tendo um fi-  
 lho seu de dois anos e meio, uma curva-  
 tura na espinha dorsal e não podendo  
 êle andar, recorreu a Nossa Senhora da  
 Fátima (não chegou a tomar os banhos  
 de sol receitados pelo medico) dando a be-  
 ber á creança, durante cerca de um mês,  
 agua da Fátima, rezando ambos (mãe e  
 filho) uma Ave-Maria a N. Senhora e  
 uma supplica pedindo a cura.  
 Prometeu ir a pé a Fátima (o que cum-  
 priu em maio deste ano) e de joelhos des-  
 de a estrada até á capelinha.

**Pillar Monteiro do Vale**, de Vilar For-  
 moso, que durante quatro dias teve as  
 maiores dores para ser mãe, estando já  
 abandonada dos médicos que a davam co-  
 mo em estado desesperado, a ponto de na-  
 da lhe receitarem nem fazerem, deu á luz,

de, num momento de aflicção e de-  
 sam da, agarrar em um quadro de N.  
 S. d. Fátima e invoca-la com a mente,  
 visto já não falar. Como naquela hora pro-  
 meteu os seus brincos que tinha em maior  
 estima, envia-os, sentindo a maior conso-  
 lação em fazer este sacrificio por Nossa  
 Senhora que lhe restituiu a saude e as  
 forças necessárias para poder manter e  
 criar os outros três filhinhos que, com o  
 seu, ficariam abandonados. Jun-  
 ta mais dez tostões que oferece a sua filhi-  
 nha mais velha de nove anos.



Joaquim Fernandes dos Santos

**Joaquim Fernandes dos Santos**, rua do  
 Capitão Leitão, 58-Lisboa, em carta, diz-  
 nos o seguinte:

Eu tive ha 13 anos uma febre a que os  
 médicos deram o nome de tifo; que durou  
 3 meses. Durante o tempo que estive doen-  
 te descarregou-me sobre a perna esquer-  
 da, ficando paralitico da mesma. Tanto  
 o médico que me tratou como outros que  
 me visitaram, não receitavam remedio al-  
 gum que melhorasse a minha perna. Eu  
 já padecia de uma molestia a que cha-  
 mam o zagre, molestia terrivel, que me  
 apanhava o corpo todo. Principiou-me aos  
 28 anos de idade, e hoje conta 56, e não  
 obedecia a medicamento algum. Ha 14  
 anos que senti dar-se uma rotura no bai-  
 xo ventre, que me causava impossibilita-  
 mento de trabalho, chegando a deslocar-  
 se os intestinos, e que nunca tive trata-  
 mento de médico nem remédio.



Maria dos Santos Paiva

Tambem minha mulher teve uma mo-  
 lestia grave, foi tratada por medico e du-  
 rou 3 anos. Os medicos diziam-me que era  
 tuberculose, nos ossos. Nós ambos pedimos  
 á Virgem Nossa Senhora do Rosário da  
 Fátima na Cova da Iria, que nos valesse.  
 Fomos visita-la na capelinha da sua apa-  
 rição três vezes em cada ano. No terceiro  
 ano já lá fomos completamente saos de  
 todos os nossos padecimentos pelo que  
 muitas graças demos á Virgem Nossa Se-

nhora do Rosário da Fátima na Cova da  
 Iria, e ao seu divino amado filho, Nosso  
 Senhor Jesus Cristo, pelo abençoado re-  
 médio que nos concedeu para os nossos  
 males».

### ATESTADO

**Henrique Dias Coelho**, medico-cirurgião  
 pela Faculdade de Medicina de Lisboa:

Atesto que o Snr. Joaquim Fernandes  
 dos Santos, de cincuenta e seis anos de  
 idade, casado, morador na Rua Capitão  
 Leitão, 58 2.ª escada, rez-do-chão, esquer-  
 do, encarregado dum armazem de vinhos,  
 está completamente curado hoje de ul-  
 ceras varicosas no membro inferior esquer-  
 do de que soffria ha doze anos consecuti-  
 vos (após uma febre tifoide complicada  
 de flebite) e que tinha resistido a todos  
 os tratamentos medicos applicados. Diz ter  
 feito tratamento com a agua de Fátima  
 desde o dia 13 de outubro de 1925. E por  
 ser verdade e me ser pedido passo o pre-  
 sente atestado que assino sob minha res-  
 ponsabilidade profissional.

Lisboa 3 de junho de 1927.

(a) Henrique Dias Coelho

### ATESTADO

**Henrique Dias Coelho**, medico-cirurgião  
 pela Faculdade de Medicina de Lisboa:

Atesto que a Senhora Maria de Pai-  
 va, de cincuenta e sete anos de idade,  
 casada, moradora na rua Capitão Leitão,  
 58 segunda porta, rez do chão, esquer-  
 do, domestica, está completamente cura-  
 da hoje duma fistula proveniente de uma  
 carie de costela (tuberculose ossea), que  
 datava de Fevereiro de 1925 e que varios  
 tratamentos não tinham conseguido cu-  
 rar. Diz ter feito a applicação de agua da  
 Fátima desde o dia 13 de outubro de 1925  
 E por ser verdade e me ser pedido passo  
 o presente atestado que assino sob mi-  
 nha responsabilidade profissional.

Leiria, 3 de junho de 1927.

(a) Henrique Dias Coelho

**Adelaide Leitão**, de Vila Nova de Gaia  
 (Rua de Candido dos Reis-23 diz: «Estive  
 5 meses com uma intercolite que não cedia  
 aos medicamentos. Andava muito desani-  
 mada, porque não me podia alimentar, tu-  
 do me fazia mal. Recorri á Nossa Senho-  
 ra de Fátima, e fui lá em Outubro de  
 1925, na peregrinação nacional, e desde  
 então, não soffri mais deste terrivel mal.  
 Um grande milagre que Nossa Senhora  
 me fez, e não deve ficar no silencio uma  
 graça tão grande. Viva Nossa Senhora de  
 Fátima.

Espero ir outra vez a Fátima, agradecer  
 a Nossa Senhora muitas graças que me  
 tem concedido.

**Francelina Souza Gaspar**, de Valado de  
 Frades, participa em carta de 29 de maio  
 ultimo que tendo uma criança em 15 de  
 Fevereiro de 1926 ficando muito boa, gra-  
 ças a Deus, passados 2 dias a encontram  
 mudada. Chamaram o médico immediata-  
 mente e este, quando chegou, logo pôs em  
 duvida a minha cura. Que me ia fazer  
 uma sangria mas punha em duvida que  
 o sangue corresse. No mesmo dia á noite  
 não via, nem ouvia, nem falava.

No dia 21 á noite veio o médico dêr-  
 me uma injeção e nem a senti. Deu-me  
 um ataque epiléptico. O médico disse que  
 não me podia fazer mais nada. O que  
 havia de fazer já o tinha feito. Que era  
 impossivel eu escapar. Quando se ia em-  
 bora disse para a gente que estava: «coi-  
 tada, é a ultima noite que tens...»

Como a minha familia é muito devota  
 de Nossa Senhora de Fátima, recorreram  
 com muita fé a Nossa Senhora. A minha  
 familia foi rezar o terço. Um tio meu dis-  
 se que já não valia a pena nada disso.  
 Minha madrinha disse então: «anda que  
 ela ainda não morreu». Foram rezar o  
 terço a Nossa Senhora e quando acaba-  
 ram já eu estava a espreguiçar-me e a  
 abrir os olhos. Daí em diante comecei sem-  
 pre a melhor.

O médico disse que se eu escapasse que  
 ficava cega. Minha madrinha foi chamar  
 o Rev.mo P.e Martinho Pinto Rocha pa-  
 ra me dar a Santa Unção, mas no outro  
 dia já falava, já ouvia e já via, pouco  
 é verdade, mas daí em diante fiquei com  
 a vista como dantes.

Graças ao Santissimo Sacramento e Gra-  
 ças a Nossa Senhora do Rosário de Fátima.

Meu marido prometeu lá ir visitar  
 Nossa Senhora rezarmos ambos o terço e  
 dar 50\$00 de esmola. Minha madrinha  
 prometeu rezar o terço 15 dias e comun-

gar, e minha mãe ir desde a estrada cá  
 de cima, de joelhos até á capela, rezar o  
 terço, ir a pé para lá, e se aguentasse, de  
 vir».

**Hortense Cardoso**, da Colegã, de 23  
 anos diz em carta de 10 de maio ultimo:

Tive uma dor no dia 8 de Outubro do  
 ano de 1926; o Sr. Dr. Armando Costa da  
 Colegã mandou-me para Lisboa dando en-  
 trada no Hospital D. Estefania no dia  
 13 de Outubro sendo operada no dia 27  
 pelo Sr. Dr. Vaz Gonçalves de Lisboa. Fi-  
 quei muito mal da operação colocada en-  
 tre almofadões, sem me poder mecher pa-  
 ra parte nenhuma demorando por lá 3 mê-  
 ses sem nunca me lembrar da Virgem Nos-  
 sa Senhora da Fátima. No fim de estar  
 este tempo todo no Hospital tive uma  
 carta de minha mãe com o Retrato da  
 Virgem Nossa Senhora da Fátima, dizen-  
 do-me que tivesse fé com Ela. E eu pedi  
 com todo o afecto do meu coração que se  
 Nossa Senhora fizesse o milagre de eu me  
 vir embora na semana seguinte de fazer  
 uma carta e mandar publicar no jornal-  
 zinho da Fátima o milagre e de ir á Fátima,  
 dando a esmola que eu pudesse.

**Rosa de Jesus Moraes**, rua da Costa

Cabral 450, Porto. Declara que ha uns 6  
 meses lhe apereceu um tumor no peito;  
 indo consultar o seu medico o Ex.mo Sen-  
 hor Dr. Forbos Costa, este declarou ser  
 efectivamente um tumor e precisar ser  
 operado. Chegou a marcar o dia 8 de ja-  
 neiro para a operação. No entanto re-  
 ceitou-me varios remedios de que fiz uso  
 sem resultado. Um dia lembrei-me da  
 água milagrosa de Nossa Senhora de Fátima  
 e dei umas fricções com elas e fiz  
 tambem uma promessa de ir agradecer a  
 Nossa Senhora e levar-lhe 100.000 de ofer-  
 ta se Nossa Senhora me curasse.



Rosa de Jesus Moraes

Depois disto voltei ao médico que de-  
 pois de me ver, me disse muito admira-  
 do, que eu estava muito melhor, dizendo-  
 me que voltasse lá daí a 15 dias, o que  
 fiz efectivamente passados aqueles dias.  
 Ao examinar-me declarou que eu estava  
 completamente curada, e que podia pu-  
 blicar sem receio pois que era um verda-  
 deiro milagre.

### ATESTADO

Porto, 30 de maio de 1927.

Certifico que tenho tratado ha alguns  
 anos da Senhora D. Rosa de Jesus Mo-  
 rais, moradora na rua Costa Cabral, des-  
 ta cidade e que fui consultado pela mes-  
 ma Senhora em fins de novembro do ano  
 passado, por motivo de um tumor no pei-  
 to que depois de examinado me pareceu  
 de natureza suspeita de malignidade, em  
 virtude do que lhe aconselhei a deixar-se  
 operar; mas como mostrasse desejos de  
 não ser operada antes do Natal, eu con-  
 cordei mas aconselhando-a a que não pro-  
 telasse muito a ocasião da operação por-  
 que poderia aumentar; o tumor nessa oc-  
 são era do volume de uma tangerina; não  
 havia febre nem sintomas de inflamação  
 local; de novo a vi nas vespas do Natal,  
 em que encontrei o tumor maior e, aten-  
 dendo a uma certa relutancia da doente  
 para a operação, disse-lhe que esperaria  
 até ao dia 8, depois das festas do Natal  
 para se fazer a operação, aconselhando-a  
 contudo a deixar-se operar mais cedo se  
 visse que o tumor aumentaria. Nessa oc-  
 são o tumor seria do volume de uma la-  
 ranja mediana.

Ficou combinado que a doente viesse  
 para a operação o mais tardar em 8 de

janeiro. Não tornei a vêr a doente até ao dia 8 de fevereiro em que se me apresentou: examinei-a como das outras vezes e com admiração minha, observei que o tumor tinha desaparecido; no entanto pedi-lhe para voltar ao meu consultório passados 15 dias, e confirmei o desaparecimento do tumor; de novo a observei passadas umas semanas e verifiquei que não havia nada de anormal.

Por ser verdade e me ser pedido atesto sob minha palavra de honra e jurarei se necessário for em como esta declaração é a expressão da verdade.

(a) Manuel Jorge Forbes Costa

Maria de Jesus, de Rebolosa, escreve:

«Ex.mo Rev.mo Snr. director

Cumprindo um dever e uma promessa que fiz a nossa Senhora do Rosário de Fátima, venho pedir a publicação das seguintes graças: que recebi de Nossa Senhora.

1.ª Andei 7 anos na escola de instrução primária e não conseguí aprender a lêr; depois que pedi a Nossa Senhora, num mês aprendi a lêr a letra redonda.

2.ª Um jovem de 24 anos de idade toheu-se de uma perna de tal modo que os médicos o julgavam incurável.

Recorremos a Nossa Senhora de Fátima prometendo fazer 3 novenas em sua honra. No 2.º dia da primeira novena o jovem começou a sentir-se melhor da perna, melhorando dia para dia até que á terceira já foi acompanhado de 14 jovens assistir a todos os dias da novena.

3.ª Uma prima minha de 8 anos de idade já havia um ano que não se movia de parte nenhuma do corpo.

Apenas sua mãe prometeu ir á Fátima com ela, logo começou a andar.

Peço encarecidamente que peçam a Nossa Senhora que se digne converter um pecador que já há 20 anos não se confessa.

## VOZ DA FÁTIMA

### Despezas

Transporte...	70.838\$26
Papel, composição e impressão do n.º 57...	2.163\$00
Sêlos, expedição, transporte, gravuras, etc. ....	524\$00
Outras despesas...	170\$00
Soma...	73.695\$26

### Subscrição

(Setembro de 1926)

Enviaram dez escudos: José Marques Torres Junior, D. Maria Olivia de Santo António Neto, D. Maria do Carmo C. Real d'Abreu de Lima (20\$00), Manuel da Silva Jordão, D. Maria de Vasconcelos Cruz, D. Joaquina de Jesus Martins, D. Emilia Augusta da Luz (20\$00), Josefa da Conceição, D. Candida Sanches (20\$00) Francisco Bento, José Sande Lemos, D. Gertrudes Pires Correia, D. Alice de Sousa Moreira Ribeiro, P.e Martinho Pinto da Rocha, D. Palmira Pinto de Campos, D. Maria Rita de M. Castro A. Guimarães, D. Elvira Belo, D. Aida de Aguiar Ferraz, D. Emilia da Conceição (20\$00), Agostinho Alves, Francisco Soares Garrinhas, Francisca Rosa dos Santos, Bento Gomes (20\$00), D. Rufina dos Anjos, D. Alice Salgado, D. Helena Baltazar, D. Maria de Jesus Duarte, D. Clarinda Ribeiro de Carvalho, D. Helena Lobo de Vasconcelos, D. Luise Drexel, Antonio Augusto Novais, Francisco Mendes (20\$00), José Pais dos Santos, D. Maria Casimira, P.e José Gomes da Costa (20\$00), Antonio Aguas Vaz de Mascarenhas (20\$00), D. Ana Aguas Figueiredo Mascarenhas (20\$00), João Ferreira da Costa Bettencourt (20\$00), D. Emilia Vilhena Rebelo, D. Henriqueta Maria Leitão, Raimundo Vicente da Silva, João Filipe Correia, D. Amelia Monteiro, José Monteiro, António Rodrigues, D. Carlota Augusta da Conceição, D. Maria da Luz de Carvalho Mesquita, D. Adelaide Cruz, D. Emilia Pizarro de Portocarreiro, António Xavier de Palhares Nogueira Falcão (Travessas), D. Adelaide Saldanha, D. Perpétua Seixas, Dr. João de Sousa Canavarro, Baronesa de Almeirim (D. Luiza), D. Gertrudes do Rosário Santos Simões, Manuel das Neves, Joaquim da Conceição Costa, João Sabino de Passos Caldas, P.e Manuel Dias de Matos Lages, Miguel Pereira, Domingos S. Ferreira, D.

Mary Ferro Lobo de Moura, D. Filomena Domingos Fragoso, D. Luiza Maria da Conceição Feio, D. Barbara Ramos Franco Neves, D. Micaela Caroco, J. G. (20\$00), D. Maria Augusta Ribeiro, D. Ana Barreiros Frazão, D. Maria Conceição Coelho, D. Maria Baptista, Alberto Francisco Faria Abranches, D. Maria das Dores Corte Real, D. Ludovina de Oliveira Santana, D. Maria José Assis Gomes, Dr. Luís d'Oliveira, D. Ana Charters, José Justino do Vale, D. Maria Goulart Sarmento, João Manuel Gouveia, João Paulo, Jeronimo Augusto Pinto, D. Amelia Figueira da Silva, D. Amelia Cabrita (11\$00), D. Luiza de Jesus Manso, (11\$00), Anonima (A. R.), D. Maria da Conceição Prazeres Parente, Alfredo Barradas, D. Maria Vasques Martins, D. Guilhermina da Costa Freitas, Guilherme Plantier Martins, D. Maria José Ferreira, D. Hortensia de Melo Lemos e Menezes (15\$00), D. Piedade Vieira Moço, D. Florinda Ribeiro da Silva, P. Gini, Manuel José d'Araujo, Manuel de Araujo Pereira, D. Maria Cabrera Rocha, D. Ana Rosa Pires, D. Maria do Sacramento Pires Moreira, José Maria M. Pinheiro, D. Idalina Rodrigues Pouzada, D. Maria Emilia da Cunha (5\$00), D. Teresa de Jesus Almeida (1 dolar), Manuel Gabriel, Angelina da Conceição Louzada (jornais), D. Virginia Izabel Gonçalves dos Santos, D. Maria Luiza Dias, D. Carolina Augusta Moreira Rangel, João Carlos Alves (20\$00), D. Maria da Graça Nunes de Brito, D. Maria da Graça Nunes de Brito, D. Engrácia d'Assunção Covas, D. Beatriz de Amaral Candeias (15\$00), D. Emilia Augusta de Sá Goodolfin (20\$00), D. Ludovina Neves (20\$00), D. Teresa B. Forte, D. Paulina Aldeano de Faria, D. Luiza de Freitas, D. Maria Luiza Leal, P.e Angelo Firmino da Silva, D. Maria da Conceição Calado, D. Elvira da Conceição Neves Ferreira, D. Augusta Alvares dos Santos (20\$00).

## Abrigo dos doentes Peregrinos da Fátima

Trasporte ...	5.072\$55
Virgínio Ferreira ...	5\$00
D. Lucinda Caratão ...	10\$00
D. G. Amelia Alves Fortunata ...	20\$00
	5.107\$55

## Uma acusação

Conta-a um missionário.

Era uma pequena de nove anos, que ha muito queria fazer a sua primeira Comunhão e ao que se opunha o missionário sem grande razão.

Uma tarde o P.e Durrieu (era assim que se chamava) foi visitar o Santissimo e sem ser presentado, encontrou a pequena a falar alto deante do altar-mor.

Dizia assim:

«O' Jesus o snr. P.e Durrieu anda a dizer que eu não vos conheço bem, por ser muito pequena e não me deixa fazer a primeira Comunhão. Mas eu conheço-vos muito bem.

Já sei a doutrina toda.

Já sei que sois Filho de Deus e da Virgem Maria e que nasceste em Belem, que vivestes em Nazaré, que Vos mataram em uma cruz e que ao terceiro dia ressuscitastes e subistes ao Ceu, e tambem que moraes na igreja na Hostia consagrada.

Vêdes como eu Vos conheço? Dizei ao snr. P.e Durrieu que me deixe fazer a primeira Comunhão.»

O missionário ouviu tudo e achou-lhe imensa graça, saiu sem ser visto e, á noite, na aula de catecismo perguntou-lhe se tinha ido á igreja e para quê.

— Fui acusal-o ao Santissimo Sacramento. E repetiu o que tinha dito.

— Ora muito bem, vejo que conheces muito bem a Nosso Senhor, e então qualquer dia, talvez amanhã mesmo, fazes a tua primeira Comunhão.

O que não sei é como te hei-de perdoar o acusares-me assim ao Santissimo Sacramento.

— Não se inquiete. Eu vou-lhe pedir que lhe perdoe logo que V. Rev.cia me dê a Santa Comunhão.

## Respeitos humanos

Uma senhora conta o seguinte:

Fui proibida por meu marido de ir á confissão.

Vendo eu que me não era possivel fazê-lo vir a aceder apesar de me custar muito, resolvi fazer-lhe a vontade.

Não tinha sido educada assim, mas para evitar questões assim procedi. Não podia ser assim por muitos anos.

Ja a caminhar para o 3.º ano sem ir á desobriga.

Não me conformava sem cumprir uma obrigação a que minha mãe me levava desde a idade de 7 anos.

Via ir minha familia e eu não tinha licença do meu marido! Que tristeza!

Eu não queria abusar da bondade do meu marido.

Pensava no 1.º mandamento da S.ta Igreja que manda confessar-se o cristão ao menos uma vez por ano. Todas estas lembranças me atemorizavam.

As vezes vinha-me á lembrança ir a uma igreja mais isolada, mas logo me vinha o respeito humano; tinha medo que algum me visse entrar para lá Triste situação!

Tinha saudade de hospedar em minha pobre alma o nosso querido Jesus, mas não queria desobedecer.

Há casos porem que podem mais que as leis.

Estava-se na primavera. Numa daquelas lindas manhãs enchi-me de coragem, apesar de mil obstaculos que se apresentaram á minha imaginação. Nada impediu a minha viagem. Consegui entrar na igreja da minha parochia onde encontrei a meu dispor um sacerdote que me atendeu.

Dia feliz!

O meu marido nem sequer deu por minha falta. Daí para o futuro fiquei com um tal entusiasmo que nunca mais tive medo que algum visse para onde eu ia.

Precisando um dia de ir para o hospital para ser operada pedi que me administrassem os sacramentos o que mais tarde me serviu de defesa.

Passados sete anos encontrava-se meu marido e um seu amigo a censurar a confissão.

Nem um nem outro podiam ver semelhantes coisas até lhes parecia um crime.

Eu ouvia-os mas como o caso era com eles, nada dizia, mas daí por instantes o meu marido volta-se para mim e com uma grande satisfação exclama: minha mulher nunca mas lá voltou, e eu que o soubesse...

Então eu, muito tranquila, aproximome dele e confiada na imensa bondade de Deus disse-lhe meigamente: como te enganas! Desde que me proibiste já lá fui.

Ele muito admirado, pois não era de costume desmenti-lo, perguntou-me:

Quando? E com que autoridade?

Com a mesma tranquilidade respondi

Quando estive no hospital, vi a morte diante dos olhos.

Sabia muito bem que tu eras muito meu amigo e que fazias toda a diligencia para me salvares a vida mas naquella ocasião lembrava-me mais da alma porque se eu tivesse morrido tu não me colocavas no céu; e eu não queria ir para o inferno.

E foi esta a razão porque te fui desobediente, mas julgo que te não podias ofender.

Os dois amigos olharam um para o outro, encolheram os hombros, sorriram e não falaram mais no assumpto.

Já lá vão mais de seis anos.

Tenho ido todas as vezes que me tem sido possivel á Confissão e á Santa Comunhão de maneira a não fazer falta ás minhas obrigações. Não é para abusar da bondade do meu marido mas para pedir a Jesus que nos ajude e converta o meu bom marido e vivermos na graça de Deus, da propria vida de Jesus. Considero-o apenas como um cequinho, que Deus quere que eu guie para a vida eterna.

Aos nossos leitores deste querido jornalzinho peço uma *Avé Maria* pela conversão desta alminha a quem eu tanto amo.

## Porque é que a Igreja tem inimigos

— Se a Igreja é no mundo a grande escola de beneficencia, de moral e de civilização porque é que suscita contra si tantos odios e perseguições e atrai as antipatias de tanta gente?

A esta pergunta eu vos responderia que a razão é facil de compreender. A Igreja condena todas as acções más e censura todos os que delas se tornam culpáveis.

Desde logo ela levanta contra si todos os que são reus de alguma acção indigna e estes, infelizmente, são muitos!...

Entre eles e ela não pode haver simpatia nem acordo possivel.

Falando em nome de Deus, a Igreja diz:

*Existe um Deus, Juiz Soberano.* — Ora, ha muita gente a quem a ideia de Deus incomoda e a quem conviria que Ele não existisse porque se sentem culpados e temem os seus juizos. Como quere que esta gente ame a Igreja e tenha entendimentos com ela?

A Igreja diz: *Ha um inferno!* — E ha muita gente interessada em que êle não existisse e que acolhem esta afirmação da Igreja com impetos de raiva. Como é possivel que amem a Igreja e se entendam com ela?

A Igreja diz: *adorarás um só Deus!* E ha muitas pessoas que adoram o dinheiro; outros adoram as honras, os prazeres.

Alguns adoram-se a si mesmos. Como é possivel que toda esta gente que não quer dar a Deus nem um pensamento da sua alma, nem uma pulsação do seu coração, nem um minuto da sua vida, ame a Igreja e se entenda com ela?

A Igreja diz: *Não jurarás o nome de Deus em vão!* — E ha muita gente que não fala em Deus senão para o maldizer e blasfemar.

A Igreja diz: *Guardarás os domingos e outros dias de preceito!* E ha muitas pessoas a quem esta obrigação importuna e preferem passar o domingo em dissipações e esturdias antes que assistirem á Missa e outros officios religiosos. Como é possivel que esta gente ame a Igreja?

A Igreja diz: *Honrarás teu pai e tua mãe!* E ha filhos que não esperam chegar aos quinze anos para sacudirem o jugo do respeito e da obediencia que devem a seus pais.

Ha filhos que veem seus pais a morrer de miseria e de privações e, podendo, não os socorrem.

Como podem ter amor á Igreja.

A Igreja diz: *Não matarás!* E ha muita gente que vive em perpétuo odio, em discórdias e questões continuas, que fazem cada dia novos projectos de vingança, que preferem perder um braço a perdoarem uma injuria. Como pode esta gente amar a Igreja e entender-se com ela?

A Igreja diz: *guardarás castidade.* E ha muitos que se entregam como escravos á sua natureza depravada, que procuram sem escrupulos os prazeres prohibidos, as conversas culpáveis, as leituras envenenadas, os companheiros, corrompidos.

Como é que quereis que esta gente ame a Igreja e se entenda com ela?

A Igreja diz: *Não furtarás!* — E ha tanta gente que emprega meios indignos para fazer passar injustamente, para as suas mãos os bens dos outros. Pode esta gente amar a Igreja?

A Igreja, finalmente vendo-se que se não pode diminuir a sua doutrina nem a sua moral — excita-se contra ela a colera e o odio dos incredulos, dos blasfemadores, dos maus filhos, dos apaches, dos libertinos, dos ladrões, de todos aquêles, em uma palavra, cuja conducta ultraja a verdade, a virtude e a moral...

Entre ela e eles (e isto é uma honra para a Igreja) não ha entendimento possivel.

## VOZ DA FATIMA

Este jornalzinho, que vae sendo tão querido e procurado, é distribuido gratuitamente em Fátima nos dias 13 de cada mês.

Quem quiser ter direito de o receber directamente pelo correio, terá de enviar, adi-antadamente, o minimo de dez mil réis.